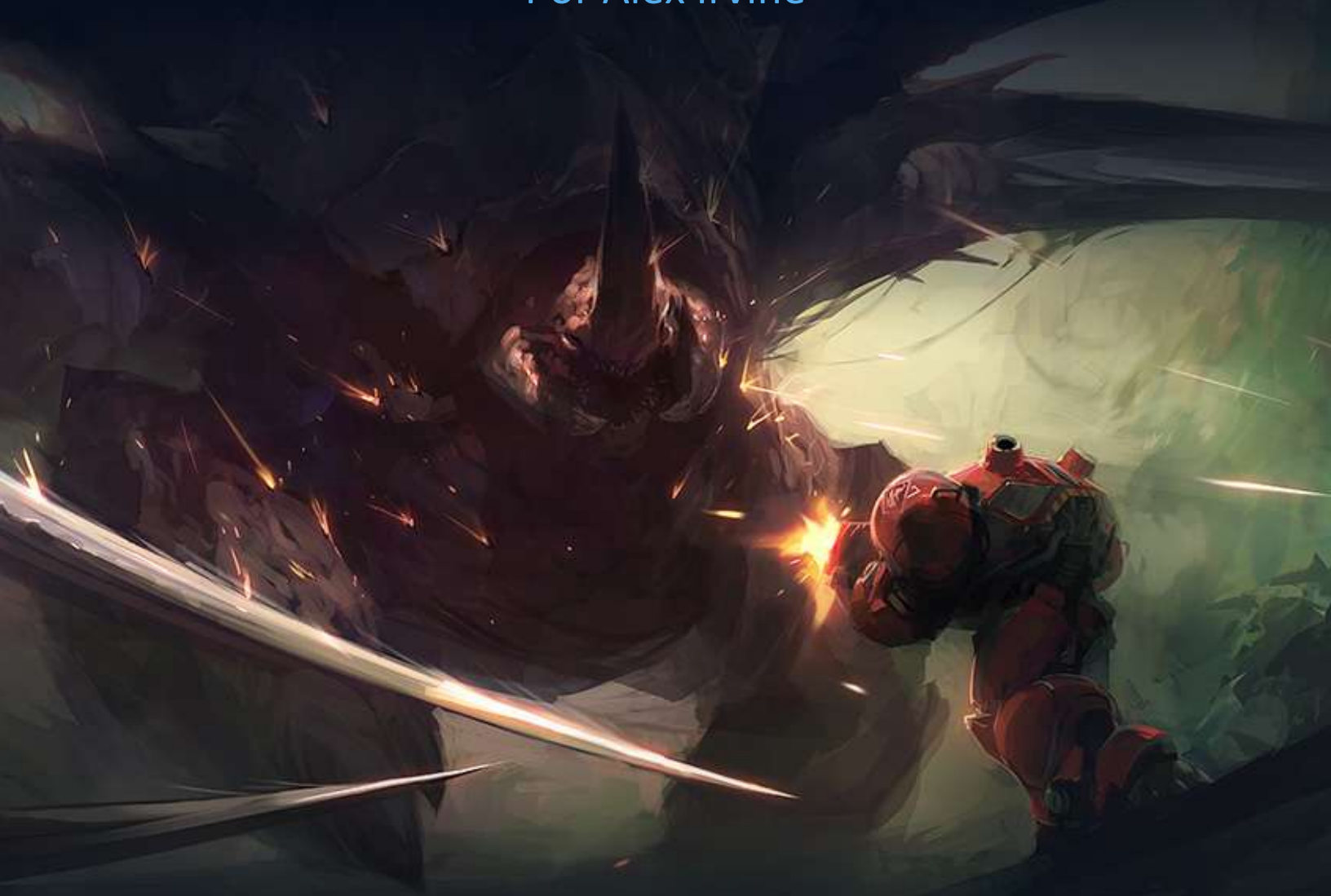


STAR CRAFT
HEART OF THE SWARM

O Grandioso

Por Alex Irvine



Minuta de 6 de janeiro de 2012

Paciente: Sargento Norwood Doakes do Sétimo Círio, o 7º pelotão da 4ª Divisão de Infantaria.

Estamos a bordo do cruzador Sóbole, estacionado na órbita do planeta Vygoire. Isto é um relatório e um boletim médico. Em resumo: ele está mal.

Mal como?

Tão mal que talvez tenhamos que acabar com ele para conseguir o que queremos.

Vamos evitar isso. Mas se for mesmo necessário...

Certo. Continuando com o relatório, vou aplicar uma injeção nele. Isso vai mantê-lo no ar tempo o suficiente para descobrirmos o que aconteceu. Lá vai. Isso deve dar. Por enquanto.

*

Chegamos a Vygoire sabendo que não éramos bem-vindos e saímos do módulo de transporte como manda o figurino, duas botas no chão por vez a intervalos de um segundo, como é o costume do Sétimo Círio. O terreno era selva, selva e mais selva, com uma clareira ali, um lamaçal numa curva do rio acolá. No topo de um desses lamaçais, entramos em formação e baixamos mapas e informações sobre o tempo atualizados da *Sóbole*. No alvo. O complexo de laboratórios ficava no meio da selva, a quinhentos metros do rio. — Ensina alguma coisa pra gente, Sargento — disse um dos meus crânios.

Acho que sou o único no pelotão que não teve o cérebro esculhambado. Esses caras me lembram disso o tempo todo, como se eu tivesse me alistado para brincar com derrotados. Uma vez, em Mar Sara, comecei a falar sobre história, para passar o tempo. Porque li algo além de um manual de arma uma vez, a unidade decidiu que eu seria o professor. Às vezes eles se comportam feito crianças. Explica isso, explica aquilo, o que é

isso, de onde vem aquilo.

Eu não me importo, contanto que deem ouvidos às minhas ordens. E eles dão. São vinte e sete deles e um de mim, mas todos no Sétimo Círio sabem quem é que manda.

Eu não tinha nada a dizer sobre Vygoire. Tudo o que sabia eram as informações que todos tínhamos recebido. Remoto, descoberto recentemente, tomado pelo Enxame três anos atrás. Dois anos depois, uma desinfestação completa. Atualmente há apenas uma instalação científica, com uma equipe de cerca de cem pessoas. O interesse pelo local começou quando o tal laboratório parou de estabelecer comunicações de rotina seis meses atrás.

Tínhamos imagens orbitais do planeta que não exibiam nenhum sinal de gosma. Nossos olhos no céu também obtiveram imagens aproximadas do complexo que exibiam algum dano, mas parecia ter sido causado por fenômenos naturais. O laboratório estava montado na base de uma colina, e uma imensa cicatriz na vegetação cortava a encosta próxima aos prédios abandonados. Parecia um deslizamento, e foi com essa teoria que trabalhamos.

De perto, não havia a menor razão para crermos em outra coisa. Rochas, lama e troncos de árvore da encosta estavam amontoados junto às paredes em ruínas das edificações danificadas. Chovia um aguaceiro dos infernos, e não era difícil de perceber que deslizamentos eram bem comuns na selva de Vygoire.

O complexo de laboratórios era formado de seis prédios e pelo menos dois níveis subterrâneos, apontados nos diagramas que recebemos no início da missão. A estrutura mais próxima da montanha estava acabada. Dois outros prédios haviam sido parcialmente destruídos, mas suas coberturas resistiam. Os três restantes estavam intactos. A área era

completamente cercada, com um portão para o tráfego de veículos a sudoeste. Uma estrada de duas pistas se afastava do complexo, rumo à selva. A área total compreendia mais ou menos dois acres de terra. Perto do portão, havia uma instalação operacional de míssil e radar com uma torre de comunicação anexa.

Avançamos utilizando protocolos-padrão de reconhecimento urbano, limpando o complexo prédio a prédio, sala a sala. Milner e Jouvert avançavam à frente, saltando de cobertura em cobertura enquanto o resto de nós seguia em formação de apoio. Permanecemos juntos o tempo todo, pois não sabíamos o que procurávamos. Logo confirmamos que o laboratório estava deserto, mas isso era coisa recente. A energia estava ligada, e alguns processos automáticos ainda operavam. Pelo menos nas áreas que não estavam destruídas. Não sei o que faziam. Examinamos os terminais centrais e descobrimos algo sobre um projeto de pesquisa, uma planta comum capaz de produzir esporos psicoativos.

A outra coisa que vimos cobrindo o laboratório era uma estranha pichação: duas curvas que se encontravam a cerca de dois terços do topo de ambas, como parênteses desabados um sobre o outro. As linhas estavam desenhadas sobre as mesas, riscadas nas paredes... Havia pontos em que eram pintadas com algo que parecia sangue, mas na primeira incursão não paramos para analisar.

Havia restos humanos em dois prédios, ambos próximos à encosta. Contamos quatro corpos, mas, como estavam despedaçados e espalhados, era difícil ter certeza.

*

Ouçã o que ele diz. A injeção o transformou num robô.

Melhor assim que agitado como antes, não?

Você é a médica, Langridge. Mantenha-o vivo e falante. Há vários interessados nos resultados dessa missão.

*

Havia uma trilha que levava do norte do complexo à selva. Nós a seguimos e encontramos evidências do passado recente de infestação zerg de Vygoire. Uma batalha acontecera ali. Pedacos de armaduras e uma cascavel esmagada ainda eram visíveis em meio à vegetação que tornava a crescer. Aparentemente nossos homens abriram uma trilha na selva — a trilha em que caminhávamos — e os zergs irromperam da mata de todos os lados. Com um pequeno flashback, pude imaginar como deve ter sido.

Jouvert, fazendo as vezes de batedor, reportou que a trilha descia por uma ravina a cerca de cem metros do local da batalha. Recuamos para o perímetro do complexo, perto do portão, e fiz uma rápida ligação para a *Sóbole*, atualizando o status. Além disso, presumi que, se o pessoal do laboratório estivesse escondido, estaria usando sua própria frequência para se comunicar, portanto mandei Hamzi nos conectar à torre de comunicação. Enquanto ele finalizava a conexão e fazia os testes, subimos nossos visores. A leitura dos UPPs — isto é, UPPCINs, Unidades Portáteis Pessoais de Coleta de Informação e Navegação, para vocês que não são soldados — indicava ar limpo, sem compostos perigosos ou micro-organismos em suspensão. Vygoire começava a parecer um bom lugar. Atmosfera respirável, nem sinal de zergs. A exuberância da selva sugeria uma abundância de recursos. *Em cem anos, pensei, esta será uma capital do setor, assim que as grandes indústrias mandarem seus prospectores e perceberem o que estão perdendo.*

— Atenção, pessoal das instalações científicas de Vygoire, quem fala é o Sargento Norwood Doakes da Infantaria da Supremacia — disse. — Se receberem esta mensagem,

por favor, respondam.

Nada. Repeti a mensagem e esperei.

— Eles estão mortos — respondeu Milner.

— O que os matou, então? Não vimos nada maior que minha luva — questionou Jouvert. — E os zergs foram expulsos há mais de um ano.

Interrompi a ligação e disse: — Foi o que viemos descobrir.

Nada no briefing sugeria que a fauna nativa de Vygoire contivesse qualquer tipo de ameaça. Era um ecossistema de nível Permiano, composto de samambaias e insetos. Mas algo acontecera àqueles cientistas. Entrei em contato com a *Sóbole* para informar sobre nossos achados:

— Cruzador de batalha *Sóbole*. Relatório, sargento Doakes.

— Não há muito o que relatar, *Sóbole*. O complexo de laboratórios está deserto.

Vygoire não tem formas de vida avançadas, correto?

— Correto.

— E os zergs foram erradicados.

— Correto.

— Tem certeza de que não há sinal de gosma em lugar nenhum?

— Negativo. Vygoire está limpo.

— Então vamos continuar com o reconhecimento — respondi. — Nova atualização assim que encontrarmos o pessoal do laboratório e precisarmos de remoção.

— Não se apresse, Sétimo Círio. Uma reimplantação emergencial está nos tirando do sistema para uma tarefa de escolta.

— De quanto tempo estamos falando, *Sóbole*? Só temos suprimentos para o

reconhecimento inicial e o retorno.

— Curta duração. Notificaremos assim que estivermos de volta no sistema e a remoção for possível. Divirta-se, Sétimo Círio. *Sóbole* desligando.

— Curta duração — repetiu Jouvert quando eu desliguei. — Melhor começarmos a construir casas. Sargento, você pode ser o professor.

*

Enviei uma versão um pouco mais formal do relatório de campo, anexando as notas de pesquisa acerca dos esporos. As UPPs não acharam nada de perigoso, mas meu lema é: se não sabe o que é importante, inclua tudo.

Como não houve resposta da equipe científica, voltamos para o modo de reconhecimento. Uma trilha discernível descia a ravina, por onde seguimos. No fundo, encontramos uma clareira, em cujo centro havia um tronco de árvore coberto de entalhes com o símbolo de linhas curvas. Era uma das maiores árvores que já vi, mesmo com os galhos mais baixos arrancados e grandes feridas no tronco. À sua volta, trilhas e sulcos, como se algo de tamanho realmente descomunal tivesse feito acrobacias ali. Havia também pedaços de restos inconfundivelmente humanos.

— Eu disse que eles estavam mortos — disse Milner.

— Alguns deles. — A equipe toda do laboratório somava cerca de cem pessoas. Era impossível dizer quantos corpos encontráramos, mas com certeza não chegavam nem perto disso. Mesmo assim, alguma coisa os estava matando.

A parte tática do meu cérebro permaneceu atenta ao terreno desde os limites do complexo até o ponto onde estávamos. Olhei em volta, examinando a área em busca de mais informações. Atrás de uma fileira de árvores ao sul da clareira, avistei água,

aparentemente um lago de tamanho razoável, onde desembocava o córrego que corria pela ravina. A norte e a leste, a clareira terminava em floresta densa e barrancos. Do topo da ravina, os laboratórios estavam a não mais que meio quilômetro a oés-noroeste.

Do outro lado, no limite oposto da ravina, outra trilha desaparecia na escuridão da selva. Essa parecia contornar o lago e, a julgar pela maneira como as árvores dominavam a outra ponta, era o único modo de se chegar à clareira de onde quer que a trilha viesse. A passagem propriamente dita era grande o bastante para seis soldados de armadura CMC caminharem juntos, e as árvores de ambos os lados continham marcas visíveis. As menores foram arrancadas pela raiz ou erguidas a dois, três metros do chão. Galhos recém-arrancados ainda pendiam, e a seiva escorria por eles. Mandei Chen dar uma olhada de perto, e ele voltou dizendo que havia rastros. Rastros imensos. Quadrúpedes, disse ele. Eu me lembro da palavra porque, no exato instante em que ela saltou de sua boca, ouvimos o rugido.

— O que diabos foi isso? — perguntou Jouvert. O Sétimo Círio assumiu formação de combate: armas apontadas, espaçamento de cinco metros, a coisa toda.

Então aconteceu algo que só faria sentido mais tarde. Um dos meus homens entrou em total desespero. Berrando coordenadas sem sentido e descarregando seu gaussiano, ele disparou, cruzando a clareira atrás do som. Disse algo sobre deuses, mas não faço ideia de que deuses ele falava.

Também acho que ele disse algo sobre *Grandioso*, mas na hora eu não entendi o porquê.

E nem tive tempo de pensar, pois um mammothus irrompeu da selva bem no meio de nós, destruindo nossa formação.

Se você nunca viu um mammothus, bem, ele é maior que um tanque, e mais barulhento, e mais veloz. Da altura de quatro soldados com armadura completa, e comprido o bastante para você brigar com a cara sem ver o traseiro escondido pela vegetação. Dois pares de foices saem de onde sairiam as asas de um dragão. São chamadas lâminas kaiser; não sei o motivo, mas eu vi o estrago que fazem. Varam armaduras de batalha como se fossem papel alumínio. Você pode descarregar balas de C-14 num mammothus até o cano da arma derreter, mas isso só deixaria o monstro furioso. Correção: mais furioso. Eles são furiosos por natureza. Os mammothus saem da cama furiosos e famintos. Quando terminam de despedaçar você, pisoteiam os pedaços antes de você estar totalmente morto.

Foi a primeira vez que me deparei com um. Já tinha feito todas as simulações, visto todos os arquivos, mas nada disso faz justiça a estar na presença da coisa. Seu primeiro pensamento quando vê um é: *Não tem como matar isso.*

Acertamos o bicho com tudo o que tínhamos e o maldito nem diminuiu a velocidade. Enquanto atirava, eu berrava ordens, mandando o Sétimo Círio se cobrir como pudesse, e tentava descobrir como lutar contra uma coisa daquelas com armas pequenas e a céu aberto. A resposta é: você não luta.

Singh perdeu as pernas e a cabeça antes que o mammothus estivesse totalmente dentro da clareira. Morrison foi o próximo, empalado por uma das lâminas e atirado sobre o mato com a armadura aberta e pedaços do corpo saltando para fora. Depois disso, parei de atentar para os detalhes. O Sétimo Círio teve que perder trinta por cento de sua força para que o treinamento surtisse efeito e eles executassem a única manobra que faria sentido: uma retirada sebo-nas-canelas atirando para trás às cegas. Recuamos pela ravina até que ficasse estreita demais para o mammothus. Ele parou, mas nós continuamos

atirando, começando a causar algum dano quando um projétil acertava uma junta ou rachadura na carapaça.

O mammothus recuou da ravina de volta para a clareira, ainda urrando em resposta ao alarido dos C-14s, e se virou para voltar pelo mesmo lugar de onde tinha saído. Foi então que vi Twohy, o responsável pela confusão, sob um tronco que o bicho derrubara com a sua investida inicial. O mammothus nem chegou a ver o coitado, mas seu torso foi completamente esmagado quando o monstro voltou para a selva. Os órgãos dele espirraram sob as patas colossais feito ketchup de um saquinho rasgado e desenharam uma curva rosa e vermelha no chão revolvido.

Foi quando a pichação subitamente fez sentido. Era um aviso. Pelo menos foi o que pensamos então. As linhas cruzadas eram lâminas kaiser.

Uma gritaria saturava meu comunicador. Todos os homens tagarelavam, e por trás de tudo, uma sensação retumbante, uma raiva negra e imbecil que jamais poderia ser satisfeita. Já estive em muitos campos de batalha e matei várias coisas, mas nunca quis matar algo só por matar, não até aquele momento. Você me entende, não entende, Vera? Você estava lá. Eu sei que você disse que não afetava você, mas não pode ser verdade, está por toda a parte, você não pode fugir...

*

Ele está delirando de novo. É cedo demais para outra injeção?

Você sabe mais sobre os esporos do que nós. Você que manda.

Não sei tanto assim. Provavelmente não vai fazer mal. Ele é um soldado.

É, mas ele não é como os ogros descerebrados com que estamos acostumados.

Ele é um soldado. Dê a injeção.

*

Quê?

Então, nós pensávamos que era uma missão de resgate. Entramos em formação, fizemos o que foi possível pelos feridos e chamamos a evacuação para os mortos.

O resgate foi negado, mesmo com a volta da *Sóbole* ao sistema programada para algumas horas. Fomos informados de que o cruzador não estava preparado para manobras atmosféricas e os módulos de transporte não desceriam até o mammuthus estar liquidado, ou do outro lado do planeta. — Um mammuthus pode partir um módulo de transporte em dois — decretou energicamente o oficial de comunicação. — Entre em contato novamente quando vocês tiverem acabado com ele.

Que merda. Essa foi minha reação, extremamente astuta e afiada pelo treinamento.

Que eu repeti em voz alta quando fomos atacados de novo.

Desta vez não era o mammuthus. Começaram a sair lanças das árvores à nossa volta, o que era quase tão surpreendente quanto a criatura. Quem usaria lanças contra soldados de armadura CMC? O pior estrago que poderiam fazer era aos ouvidos, quando batiam nos capacetes. Fizemos disparos para suprimir os ataques, e enviei quatro homens para cuidarem da forma de vida nativa que estava praticando tiro ao alvo com o Sétimo Círio.

Os soldados voltaram com três humanos vestindo farrapos que haviam sido jalecos. Dois homens e uma mulher. Os três gritavam desvairadamente sobre um tal Grandioso, o que não foi difícil de entender. Mas os homens também estavam em pânico porque morriam de medo do médico.

E quem era o médico?

— Van Rijn! — berrou um deles absolutamente ensandecido, com a boca

espumando e as veias da testa prestes a estourar. Ele mordera a língua quando os soldados o trouxeram, e eu quase tive vontade de atirar só para calar sua boca. Mas não é esse o tipo de exemplo que quero dar aos meus homens. Quer dizer, eles podem ser desmiolados, mas não são animais. Pelo menos na maior parte do tempo.

— Quem é van Rijn? — perguntei.

— O médico! Temos que voltar para ser os próximos!

— Ser os próximos a quê?

— Próximos para o Grandioso! — berrava o prisioneiro, cuspidando sangue em todas as direções. Eu tinha aberto meu visor para interrogá-lo, mas me arrependi.

Recuei um passo: — Você trabalhava no laboratório? Com o médico?

Um dos suboficiais, o cabo Blodgett, disse: — Segundo as informações que temos sobre o laboratório, Gerhardt van Rijn era o diretor. Mas, sargento, e o Twohy?

— O que tem ele?

— A correria na ravina, os tiros contra as árvores, a gritaria.

Eu sabia o que ele queria dizer. Twohy enlouquecera e correra direto para as lâminas do mammothus. Agora tínhamos três ratos de laboratório que aparentemente queriam fazer a mesma coisa, se é que "próximos para o Grandioso" significava isso.

Algo estava muito errado aqui.

— Leve-nos até ele — pedi.

A mulher, que até agora não tinha dito uma palavra, falou: — Espere. Você está no comando?

— Ele está no comando — respondeu Blodgett.

Ela deu um passo na minha direção, mas se deteve quando se viu sob a mira de seis

C-14s. — Eu preciso falar com você — pediu.

— Então fale — respondi.

— E... em particular. — Ela parecia com medo, mas não de mim. — Por favor.

Alguns dos homens soltaram risadinhas. Eu sabia o que eles estavam pensando, mas nem me dei ao trabalho de responder. — Venha aqui — disse, e caminhei alguns passos com ela. — Pronto. Pode falar.

— Meu nome é Vera Langridge — começou.

— Certo, Vera Langridge.

— Eu era uma das principais pesquisadoras na estação. Nós estávamos observando os impactos da gosma zerg sobre um ecossistema.

— Certo.

— Aí descobrimos sobre os esporos.

Levei um segundo para fazer a ligação: — Os esporos mencionados nos relatórios?

— Você chegou a vê-los?

— Nós investigamos o laboratório antes de virmos para cá. Mas o que tem os esporos?

Vera olhou para trás, na direção dos companheiros. Cercados pelos soldados, os homens ainda blateravam que se vingariam do médico, que tinham que ser os próximos. — Vocês não entendem! — disse um deles para um soldado, que aparentemente não tinha nenhum interesse em entender.

— Eu sou imune a eles.

— Imune? — A palavra disparou uma série de associações na minha cabeça. — O que eles fazem?

— Ainda estou tentando descobrir, mas... Ah, não. Você e seus homens. Vocês estão com os visores levantados desde que chegaram aqui?

Pensei por um instante e respondi: — Sim.

— Então vocês também estão infectados.

*

Agora provavelmente você também, Doutora.

Não, minha imunidade aguentou firme até agora. Faço testes em mim mesma de hora em hora.

De qualquer forma, ficaremos todos de quarentena até o Comando fazer uma análise completa. Talvez até depois disso, dependendo do resultado.

É uma medida prudente. Temos Doakes contaminado pelos esporos e eu como cobaia não contaminada. Até a causa disso ficar clara, eu também nos manteria todos de quarentena.

Então é melhor descobrir logo.

*

Não há palavra que eu odeie mais que *infectado*. — Infectado pelo quê?! — gritei com Vera.

— É só um termo técnico — respondeu. — Não necessariamente significa alguma coisa.

— *Morto* também é um termo técnico. E o significado é bem claro. Agora, que porcaria de esporos são esses? O que eles fazem? — Eu pensava na estranha sensação que tive depois do combate, como uma alucinação, mas mais intensa. Parecia um portal, uma entrada para uma consciência alienígena tão diferente de mim que eu não podia nem

chamar exatamente de consciência... Teriam sido os esporos? Será que eu já estava infectado? Eu ainda podia sentir um pouco, como se um novo espaço tivesse sido inaugurado na minha mente, mas algo que não era eu vivia lá. Isso fazia a missão mudar de figura.

— Não tenho certeza absoluta — disse Vera.

— Sargento — chamou Haddaway. Desviei os olhos para ele e vi que, enquanto recebia a notícia de que estávamos todos infectados com esporos, os funcionários do laboratório haviam aparecido. Um grupo disperso, todos usando variações do mesmo jaleco retalhado que vimos em Vera e nos outros. No centro do grupo, uma única exceção. Um homem alto, com mais pelos no rosto que cabelos na cabeça. Seu jaleco era o único em excelente estado. E tinha entalhado o símbolo das linhas curvadas na testa. A cicatriz se sobressaía em meio às rugas, rosada e alta, como se ele tivesse esfregado o ferimento inicial para garantir que não se fechasse.

— Meu nome é Gerhardt van Rijn — disse ele. — Vocês são intrusos, não são bem-vindos. Saiam de Vygoire imediatamente.

— Assim que conseguirmos o que viemos buscar — respondi.

— Que seria...?

— Você. E o resto.

— Impossível — retrucou van Rijn. — Agora estamos aqui pelo Grandioso.

Devolvam meus três...

— Não. Se não quiser vir, problema seu. Mas eu tenho soldados feridos aqui; vou levá-los para um lugar seguro e me mandar daqui antes que o mammothus volte. Se quiserem ser o jantar dele, fiquem à vontade.

— Você não entende! O Grandioso está aqui para nós, não nós para ele. Um a um, nós nos tornamos parte dele, da forma como permite o mérito individual. — Van Rijn levantou o queixo e espalmou uma das mãos sobre o peito. — Eu, é claro, só me unirei ao Grandioso depois que todos os meus filhos tiverem feito a viagem.

— Esse cara é maluco — disse Haddaway, alto o bastante para que todos ouvissem. Ergui a mão pedindo silêncio, mas van Rijn tinha ouvido:

— Você logo compreenderá — disse. — Você encontrará o Grandioso.

— Não! — berraram os outros ratos de laboratório. — Ele não pode ser o primeiro!

— Paciência, crianças — soltou van Rijn, abafando um risada. — O Grandioso não voltará tão cedo. Ele tem sua própria comunhão a fazer.

Eu tinha acabado de perceber que ele dizia que o *mammuthus* também estava infectado pelos esporos quando a criatura saiu da floresta de novo.

Até agora não consegui entender se ele os comia ou não. O material do treinamento dizia que o Enxame criara o *mammuthus* a partir do brontolito, que era herbívoro. Mas eu vi o monstro engolir partes dos meus soldados. Talvez tenha sido por acaso, mas não creio. Também não acho que o tal Grandioso estivesse feliz digerindo os adoradores um a um. Ele queria um verdadeiro bufê, e quando irrompeu das árvores, quase conseguiu.

Os cientistas, fanáticos, sei lá, correram como o diabo. O Sétimo Círio se movia como um só organismo, atacando em movimento e também correndo feito louco para se embrenhar na vegetação mais densa.

Desta vez o *mammuthus* foi atrás deles, e atrás de nós. As lâminas varavam a selva, retalhando as árvores e a relva enquanto a criatura investia contra os adoradores. Quando alcançou um, a vítima foi retalhada em mais pedaços do que pude contar. O ar à sua volta

era uma redemoinho de folhas e sangue, ornado por flores rasgadas que flutuavam sob a luz do sol filtrada pelo dossel da selva. Cessamos fogo com medo de acertar muitos cientistas, mas, se tivesse que fazer de novo, teria moído todos sem pestanejar.

Mesmo depois de uma vítima fresquinha, ou refeição — comunhão, talvez? —, o mammothus não parou. Assim que levantou a cabeça, viu ou farejou dois cientistas, nossos primeiros prisioneiros, que estavam lutando pelo direito de serem vivissecados primeiro e não tinham saído de onde os deixamos. Ambos ansiavam pelas lâminas kaiser rasgando seus corpos com movimentos eficientes e deixando massas vermelhas conectadas por tendões, que ficariam presas à carapaça do mammothus.

E, vou te contar, na mesma hora minha cabeça começou a ficar zozona de novo, como se houvesse vozes dentro dela... e no mesmo instante o mammothus começou a sacudir a cabeça outra vez. Não como se estivesse atacando, mas como se tentasse limpar a cabeça.

Os colonos ficaram todos imóveis. Alguns choravam, outros caíram de joelhos. A voz do guru se sobressaiu:

— Não, não, não! — gritava van Rijn. — Um de cada vez!

— Sétimo Círio! — gritei no canal de comunicação. — Vamos cair fora enquanto o mammothus está fazendo um lanche. Ponto de concentração no complexo de laboratório, acelerado.

Era difícil formular as palavras com a balbúrdia na minha cabeça e a sensação estranha de que eu passava por coisas que não estavam acontecendo. Sentia gosto de sangue mesmo sem ter sido ferido. Não havia tempo para pensar nisso, afinal eu estava em disparada pela selva, tentando chegar à ravina, mas pensando agora... Espera. Estou sentindo de novo.

*

Não, não. Não dê outra injeção ainda. Precisamos observar isso.

Ele está delirando.

Ele está em comunhão, Comandante. É isso o que o esporo faz.

Em comunhão com o quê?

Agora nada, porque não há nada para estabelecer a comunhão. Ele está em quarentena. É por isso que está delirando.

Então se houvesse outros infectados...?

Exato. Inclusive, como ele mesmo disse, o mammuthus. E, por extensão, o restante dos zergs. Entende por que isso é importante?

*

Respondam. Aqui é o Sargento Norwood Doakes do Sétimo Círio, com relatório sobre o Grandioso... Quê?

Quê?

Certo. O laboratório. Voltamos para o complexo de laboratórios e fizemos uma contagem quando chegamos ao subsolo.

Alguns dos cientistas entraram no prédio, organizados e marchando em uníssono, como se estivessem em algum tipo de desfile formal. À frente deles, van Rijn. Nenhum parecia ter acabado de escapar da morte pelas mãos de um monstro zerg. Plácidos, eles se moviam como um só. A visão me fez pensar no que Vera tinha dito sobre a comunhão.

— O que você fez com aquele mammuthus?

— Eu, interferir na vontade do Grandioso? — achincalhou van Rijn. — Impossível.

Ele é o que é. Nós buscamos ser parte dele. Quando nos tornamos um só, todos nós

experimentamos a comunhão por um breve instante. Mas precisamos fazer isso sozinhos. Quando dois ou mais vão até o Grandioso ao mesmo tempo, as impressões se tornam incompreensíveis. A experiência não é pura. — Ele sorria para mim como se eu fosse uma criança aprendendo uma lição. "Como você pôde descobrir."

— Como você sabe?

Van Rijn bateu nas têmporas. — Eu senti. Assim como você. — Com isso, sua atitude mudou, tornou-se séria, pomposa. — Sua presença instiga o Grandioso. Acalora sua fome.

O que eu queria era passar fogo nele. Em vez disso, respondi: — Não acho que os mammothus tenham um paladar tão exigente. Eles começam acalorados e depois só pioram.

Ele fungou. — Isso é o que você pensa, por sua primeira experiência ter sido tão confusa. A culpa é sua, mas você não pode ser responsabilizado por pensar assim. Nós, por outro lado — e continuou, abriu os braços para falar dos seguidores —, compreendemos a pureza da comunhão. E as duas luas estão perto de se reunir. Portanto, partimos uma vez mais para encontrá-lo.

Sem dizer mais nada, os cientistas saíram em procissão, exatamente como entraram.

— Vera... Reunião das duas luas? — indaguei.

— Você já percebeu que Vygoire tem dois satélites — respondeu. Eu realmente havia percebido, mas pensava que fosse normal. — Um deles orbita mais rápido que o outro, e a cada vinte e três dias eles parecem se sobrepor. É quando van Rijn inicia o ritual.

Então não era anormal, a menos que você tivesse esporos. — É hoje?

Ela concordou: — Bem, hoje à noite.

Era difícil para mim acreditar que o mammothus estava esperando havia vinte e três

dias. — O que eles fazem no meio-tempo?

— Eles se escondem — respondeu ela. E, com um calafrio, acrescentou. — Juntos. Os esporos aparentemente causam algum tipo de efeito nas partes do cérebro que predis põem os humanos ao comportamento ritual.

— Existem partes do cérebro pra isso? — surpreendeu-se Haddawy.

— Você ficaria espantado — respondeu Vera. — Os esporos agem sobre elas, e isso, somado ao forte vínculo que criam entre as mentes... é imprevisível, mas muito poderoso.

— Tudo bem. Já basta. A gente tem que salvar essas cabeças de bagre? — grunhiu Jouvert. — Eles não querem ser salvos. Agora é a hora em que a gente chama os módulos de transporte e assiste às bombas caírem da órbita. Certo, Sargento?

— Ainda não — respondi. — Não seremos resgatados enquanto houver um mammothus solto por aí. A *Sóbole* não pode pousar. Você acredita que eles acertariam da órbita? Não ajuda muito se eles explodirem o mammothus e acabarem nos levando junto.

Depois de uma breve pausa, os soldados sobreviventes do Sétimo Círio se esforçaram para pegar no tranco e chegaram à conclusão que eu esperava. — Então, se não matarmos o mammothus, não vamos pra casa — disse Iger.

— É bem por aí, rapazes — observei.

— Que merda. — Desta vez, era Haddawy.

*

Agora você ouviu de uma fonte segura, por assim dizer. Um testemunho direto. Quanto mais teremos que esperar?

O quanto for preciso. Isso pode mudar tudo.

Na minha opinião, acho que devíamos bombardear o lugar inteiro. Com cientistas ou

não, de quarentena ou não.

Sem chance. É bom demais para passar batido. Pode não ser um organismo zerg, mas ele consegue controlar os zergs. Você sabe o que isso significa? Sem falar nas aplicações que teria em táticas de unidades pequenas e sabe-se lá mais o quê.

Certo, Dra. Langridge, mas, se quiser que eu diga isso ao Comando, precisaremos do resto do relatório de Doakes. E rápido.

Entendido. As injeções de esteroides normais não estão mais fazendo o serviço. Teremos que tentar algo meio experimental.

Tente o que tiver que tentar. Tanto faz, desde que funcione.

*

— Certo — respondi. — O plano é o seguinte.

Eu sabia que qualquer complexo como aquela teria tanques de vespeno comprimido para ser usado como fonte de energia. E sabia também que alguns dos soldados sobreviventes eram excelentes mecânicos, independentemente de seus deslizes sociais e criminais. Então decidi transformar os tanques numa bomba, plantá-la na base do declive rochoso, no ponto onde se curvava em direção à ravina, e derrubar a montanha inteira sobre o mammothus na próxima vez que ele tentasse nos pegar na clareira.

Foram necessárias menos de duas horas para encontrar os tanques, ligá-los aos explosivos e recondicionar uma UPP para funcionar como detonador remoto. Então saímos, e um grupo responsável posicionou os tanques numa abertura bem na base da ravina, abaixo de um pedregulho suspenso com o sinal das lâminas kaiser entalhado. Se a bomba e as rochas não matassem o mammothus, pelo menos ele teria que subir atrás de nós em vez de atacar em campo aberto. O único problema era van Rijn. Ele e seus "filhos" tentaram nos

impedir o tempo todo, deitando-se em frente à ravina, formando cordões humanos. Nós os tiramos do caminho sem maiores problemas, mas tive que negar um milhão de solicitações formais de soldados que queriam disparar neles e ir atrás do mammothus de uma vez por todas.

— Grandioso — entoavam os cientistas. — Ó, Grandioso, estamos aqui para você.

O mammothus sumira. — Onde ele foi? — indagou Haddawy.

Jouvert bufou. — Quem se importa?

Isso resumia tudo.

Nenhum dos soldados abriu o visor depois que nos contaram dos esporos. Víamos o que a exposição prolongada fizera aos cientistas. Perguntei a Vera. — A exposição cumulativa pode ou não ser mais intensa — respondeu ela. — Não tive tempo de estudar.

Eles a queriam de volta. Ao menos van Rijn queria. Do centro do grupo de ratos de laboratório, ele procurou por ela depois que destaquei quatro soldados para removê-los do caminho e montar guarda. Em seu olhar, luxúria, decepção, curiosidade, tudo ao mesmo tempo. Não surpreendia que ela não quisesse voltar.

— Tudo pronto — relatou Haddawy. — Agora só precisamos de um mammothus.

— Essa é a minha deixa — disse.

Na minha cabeça, se o mammothus estava acostumado a ter alguém amarrado a um mastro nos rituais bizarros de van Rijn, ele saberia o que estava acontecendo. O efeito dos esporos, sabe? Talvez o bicho até estivesse numa espécie de sintonia com eles, e isso causasse algum tipo de antecipação pavloviana. Por isso eu desceria, o mammothus viria correndo e eu cairia fora de lá pela ravina. — Você não precisa fazer isso, Sargento — disse Jouvert.

— Eu não pediria isso a ninguém — respondi. — Eu vou.

E fui. Desci a ravina sozinho, caminhei até o meio da clareira, atulhada de pedaços dos meus soldados mortos, e toquei o mastro com uma das mãos. E esperei. Eu podia ouvir os colonos gritando e cantando lá em cima e me arrependi de não termos feito picadinho de todos. Quando olhei para o céu, vi as duas luas começando a se tocar.

Não demorou muito. Primeiro senti algo, um jorro de adrenalina, depois a agitação psicológica de quando sua mão está no alto, prestes a desferir um golpe fatal. Meu coração acelerou, enlouqueceu, e eu comecei a suar. Eu queria abrir o visor, mas a muito custo me contive.

Ouvi o rugido antes de vê-lo. Eu senti o impacto de seus passos se aproximando pela sola do traje CMC. Mas esperei. Em parte porque sabia que precisava que ele me seguisse, mas também porque estava me sentindo em comunhão. Eu ouvia os cantos dos birutas de van Rijn no fundo da minha cabeça e sentia o rugido do mammothus como o chamado de um deus.

Então o monstro irrompeu da selva, e eu rapidamente me recobrei.

E corri o mais rápido que pude. Quando passei pela bomba de vespeno, dei o sinal: — Ativar em dez! Repito, em dez! — Depois deslizei sobre o cascalho miúdo, cruzei o curso d'água que corria pela ravina e provavelmente bati um recorde galáctico escalando a toda com a armadura.

Eu estava a uma boa distância do mammothus quando comecei a correr. Agora, se diminuísse a velocidade para olhar para trás, seria a última coisa que faria. Eu podia jurar que sua respiração já estava no meu pescoço, mas talvez fosse apenas o efeito dos esporos da comunhão. Meus homens abriram fogo de suas posições, no topo da ravina; eu os

mantivera afastados para que a explosão não os atingisse com um deslizamento. O projétil do C-14 mantém a velocidade de saída incrivelmente bem até algumas centenas de metros, e eu podia ouvir os impactos contra o couro do mammothus.

Quer saber o que é mais louco? Eu senti um certo impulso de parar. Ainda ouvia "Grandioso, Grandioso, Grandioso...", e queria a comunhão.

Mas a onda de choque da detonação afastou o estranho desejo. Ela atingiu meu rosto em cheio, com força suficiente para arrancar lascas do meu visor. Eu me levantei e continuei correndo até que rochas e pedaços de árvores pararam de pousar à minha volta. Girei sobre os calcanhares e vi uma nuvem de fumaça ziguezaguear no céu acima de ravina e cobrir tudo. — Relatório, Sétimo Círio — disse. — Quem tem contato visual?

— Agora? — disse Haddawy. — Ninguém. Vou fazer um... Ah, o infravermelho está mostrando assinaturas de calor desvanecendo lá embaixo, mas provavelmente são rochas aquecidas pela explosão resfriando.

— O mammothus, soldado! Não estou nem aí para as rochas — respondi.

— Eu sei, Sargento. Certo. O mammothus... Não sei — disse. — Não estou vendo, mas os zergs nem sempre têm assinaturas de calor visíveis.

Percebi com algum atraso que uma chuva começara a cair, e a fumaça rodopiava ao sabor do vento, acompanhando a tempestade. — Esperem — ordenei ao pelotão, e me detive também, examinando a ravina enquanto a fumaça se dispersava.

A explosão cobriu um terço da ravina. Se os visores não estivessem abaixados, nossos tímpanos teriam estourado, mesmo a trezentos metros de distância. O estampido ainda ecoava, e o que restava da fumaça se dissipava na chuva. Eu não conseguia ver o mammothus, nem qualquer movimento.

Escalei o resto do caminho até a posição do restante do Sétimo Círio, acima da ravina. De lá era impossível ver o centro da explosão da bomba de vespeno. — Jouvart — disse. — Veja.

Jouvart caminhou até a primeira saliência à direita. Depois de verificar se a explosão não comprometera sua estabilidade, ele avançou para observar. Eu o vi executar varreduras em diversos comprimentos de ondas. Ele era um bom batedor.

Um estrondo emergiu do fundo da ravina, enquanto as rochas se acomodavam depois da explosão.

Então Jouvart largou o scanner e correu.

O mammothus vinha atrás dele.

Nós nos afastamos enquanto o mammothus avançava pela beira da ravina e rasgava Jouvart em pedaços, agitando as lâminas para a frente e para trás. Enquanto os membros do soldado ainda cruzavam o ar, os C-14 disparavam contra a cabeça e as pernas dianteiras do monstro.

Os quatro guardas decidiram que cuidar do mammothus era mais importante do que vigiar os colonos, que tiraram proveito disso. Gritando "Grandioso! Grandioso!", correram na direção do monstro. Na direção *dele*. E morreram.

No meio de tudo, veio o chamado: — Sétimo Círio, confirmação de remoção. Encontro no ponto de chegada imediatamente.

— Estamos sendo atacados — respondi. Não era o mesmo oficial de comunicação de antes. Eu poderia ter discutido por que estava recebendo esse chamado se fora informado de que não o receberíamos, mas conversas desse tipo com oficiais nunca chegavam a lugar algum. — Estaremos no ponto de chegada o mais rápido pessoal. — Estávamos a apenas

meio quilômetro de distância.

— Sétimo Círio, qual a natureza do ataque?

— Mammuthus.

— Repita.

— Eu disse que é uma porra de um mammuthus, *Sóbole*! O mesmo raio de bicho de que falei antes! Vocês disseram que Vygoire estava limpo, mas vários soldados meus estão em pedaços aqui!

O oficial ignorou a última parte. Eles são profissionais em ignorar coisas. — Status do pessoal do laboratório?

O mammuthus encurtou a distância e agora estava entre nós. Eu podia ver que a explosão e as rochas causaram algum dano a ele. Linfa zerg pingava das fraturas na carapaça, e a pata traseira esquerda estava claramente quebrada. — Concentrem fogo na perna! — ordenei.

— O que foi isso, Sétimo Círio?

— Não falei com você, *Sóbole*. — Abri fogo contra o mammuthus e, depois de tudo, permiti que chegasse perto demais. Investiu contra um grupo de "filhos" de van Rijn; as lâminas kaiser primeiro se abriram, depois choveram sobre eles. Os loucos ergueram os braços para que elas os acertassem. Gritos de "Grandioso!" ecoaram pelo campo e na minha cabeça. Ouvi até mesmo no comunicador. Alguns dos soldados diziam as mesmas palavras enquanto disparavam contra a criatura. Pedacos da gente de van Rijn cobriam minha armadura. Vera estava nos limites do campo. Lembro de vê-la longe, perto o bastante do laboratório para correr, se precisasse, mas perto o bastante da batalha para observar o que acontecia. Ela estava estudando.

Estudando a comunhão.

— Não podemos dar início à remoção com um mammothus na área, Sétimo Círio.

Estamos abortando.

Pelo menos nisso ele concordava com o outro oficial de comunicações. E eu não tive tempo de discutir, pois uma das lâminas me atingiu com tanta força que amassou o torso da armadura e quebrou minhas costelas. Rolei pelo chão sentindo as patas colossais pisarem perto da minha cabeça, cobrindo meu capacete de sangue e lama. Só conseguia pensar que ele espalharia meu cérebro exatamente como fizeram com Twohy.

A imensa criatura passou por cima de mim. Enquanto ela avançava, aponteí o C-14 para o espaço atrás de sua pata dianteira esquerda e preguei o dedo no gatilho. Jorrou linfa da ferida, cobrindo todas as partes do meu visor que ainda não estavam tomadas pela lama. Eu estava cego, mas, de alguma maneira, eu o ouvia, ouvia sua fúria e sua dor. Com um movimento, a criatura arrancou a arma das minhas mãos, abrindo caminho entre meus homens enquanto seguia rumo aos adoradores. Eu os ouvia na minha mente, morrendo.

Fiquei de pé e limpei a lama e a nojeira do visor bem a tempo de ver o mammothus investir na direção de seu adorador mais devotado. "GRANDIOSO!", gritou van Rijn a plenos pulmões, longamente, e juro que sua voz ainda ecoava mesmo depois da criatura despedaçar seu corpo em oito ou dez partes sangrentas com um movimento em X das lâminas kaiser. O golpe emitiu um ruído seco, varando o corpo de van Rijn, e as lâminas estridularam quando se chocaram — mesmo com a filtragem dos sensores de áudio da armadura CMC, rilhei os dentes.

Era como se os adoradores fossem adolescentes, e o mammothus, o holoídolo mais recente. Eles se atiravam sobre ele, agarrando-se ao seu lado, jogando-se sob seus pés. O

monstro os matava o mais rápido que podia, mas o que restava do Sétimo Círio continuava atirando. Eles já não se importavam em acertar os cientistas, e descarregaram tudo o que tinham de munição.

Enquanto isso, a piloto principal do módulo de transporte gritava no meu ouvido: — Sétimo Círio, o ponto de encontro está pronto. Repito, o encontro é agora. A *Sóbole* solicita atualização do status dos sobreviventes do laboratório.

Fiquei de pé e recuperei meu C-14, pingando de sangue roxo do *mammuthus*. Eu não tinha certeza se ele continuaria operacional.

Mas o *mammuthus* estava morrendo.

Pensei que eu também estivesse. Tudo parecia coberto por uma aura hipercolorida. Meus olhos lacrimejavam. Olhei para baixo e percebi que não estava mais de pé. O mundo começou a girar, e eu pude sentir a consciência do *mammuthus*, que, morrendo, contava apenas com sua fúria para sobreviver. Acho que disse algo no comunicador, e tenho certeza de que a piloto do módulo de transporte estava falando. Eu ouvia sua voz e, ao mesmo tempo, a... *mente* do *mammuthus*, se é que essa é a palavra. Sentia sua presença dentro da minha cabeça.

Olhei para baixo e vi que uma das minhas pernas apontava na direção errada, e a armadura estava quebrada e torcida na região do joelho. As unhas do monstro, cada uma mais grossa que meu punho, cortaram o metal. — Você pisou em mim — protestei com o *mammuthus*.

Ele não respondia. Estava muito ocupado morrendo. Caí de lado e bati na UPP. — Sétimo Círio — disse. Ou acho que disse. — Sétimo Círio chamando para comunhão.

Eu quis dizer remoção. Mas os últimos... pensamentos?... do *Grandioso* começavam a

falar por mim.

É. Eram os esporos. Não sei como eles funcionam. Estou apenas tentando contar a você o que aconteceu, para que você possa virar essa nave e incinerar aquela maldita selva e o contágio antes que afete mais alguém. Esporos. É impossível vê-los. Eu estou com eles. Como você sabe que não está?

Como você sabe que Vera não está com eles? Só porque ela não compreende a comunhão? Vou contar o resto. Não, não, não, outra injeção, não. Não...

Enfiei ela na nave. O resto do Sétimo Círio também. Trinta de nós pousaram; nove voltaram. Onde estavam meus outros homens?

Estou quase dormindo. Vera, Vera, não deixe que...

Grandioso. Eu ouço você.

*

Ele está delirando de novo. Será que vai aguentar a viagem? Alguém do laboratório sobreviveu? Precisamos de dados.

Temos muitos dados lá na ala médica. Já disse aos médicos para apenas estabilizá-lo. Não vamos remover os esporos.

Dra. Langridge, você é a única imune ao esporo da comunhão.

Até agora.

Doakes depende de máquinas para viver. Ele chama por você sempre que está consciente.

Eu disse a você: ele está de quarentena, e isso é difícil quando o esporo está ativo. Assim que o levarmos para instalações seguras numa parte civilizada do setor, poderemos...

Você está dizendo que tem uma amostra? Que tem o bastante para fazer o que quer

fazer?

Comandante, estou sob ordens estritas de...

Dra. Langridge, pouco me importam suas ordens. Independentemente do que você fizer com esse esporo, vai fazer com a quantidade que Doakes está carregando. A Sóbole está lançando um ataque nuclear a Vygoire.

Comandante, eu insisto...

Dra. Langridge. Você disse que são ordens. De quem?

Não tenho permissão para revelar.

E você, por coincidência, é imune aos esporos? Enquanto os estuda sob ordens que não quer revelar?

Esta conversa terminou, Comandante.

Ele fez uma pergunta válida. Onde estão os outros homens?

Recebendo cuidados. Agora, como disse, esta conversa precisa terminar.

Aquele sujeito lutou contra um mammuthus. Por você.

Por mim? Ele é um soldado. Apenas cumpriu ordens. Como estou fazendo agora. Isso é muito maior que ele. Muito, muito maior. Ele é um hospedeiro agora. É só isso. Faça seu relatório para o Comandante. Diga a eles que Vygoire não é mais problema e mande prontarem um laboratório para quando chegarmos.